

EM GOA, A ENCRUZILHADA DA LÍNGUA

João Alves das Neves

Têm sido tão escassas as informações, nos últimos anos, sobre a permanência do idioma português em Goa, Damão e Diu que vale a pena destacar dois testemunhos recentes: o livro da professora e ensaísta Graciete Nogueira Batalha, *Língua e Cultura Portuguesas em Goa — Estado Atual* (Editado pelos Serviços de Educação e Cultura de Macau, em 1982), e a comunicação da professora Maria Julieta Gomes da Costa e Andrade ao Encontro "Portugueses no Mundo — Uma Cultura a Preservar", que se realizou em março passado, na cidade do Porto.

A professora Maria Julieta vive em Pangim (Goa) e, por isso, o seu depoimento se reveste da maior atualidade e espontaneidade: "Por um espaço de 15 a 16 anos a língua portuguesa foi um tanto esquecida mas, ultimamente, tem-se notado um certo interesse em aprender o português até entre os não-goeses, especialmente aqueles que se dedicam aos trabalhos de investigação e necessitam consultar livros em português". E ficamos sabendo que atualmente existem, em Goa, várias associações interessadas nos estudos sobre o idioma — Sociedade de Língua Portuguesa, Centro de Cultura Indo-Portuguesa, Associação de Estudos e Amizade com os Povos e Comunidades de Língua Portuguesa, Academia de Língua Portuguesa —, através das quais vêm sendo promovidos encontros culturais, como foi o caso do 3.º Seminário Internacional da História Indo-portuguesa, entre 28 e 31 de janeiro deste ano.

Outra confortadora notícia foi a de que continuam a ser publicados na terra goesa dois jornais em português: o diário *O Heraldo* (fundado em 22 de janeiro de 1900) e o semanário *Voz de Goa*, que começou a ser editado em março deste ano

(exemplares destes e de outros jornais e revistas goesas já desaparecidos figuram na Exposição da Imprensa de Língua Portuguesa no Mundo, por nós organizada e já em terceira edição, no Centro Cultural Sesc-Fábrica Pompéia, até 26 deste mês).

De outro lado, a emissora *All India Radio* transmite um programa semanal de meia hora em português, "Renascença", nome por demais simbólico, pretendendo-se aumentar esse horário. Não obstante, nas escolas primárias de Goa, Damão e Diu ensinam-se apenas os idiomas marata, inglês, guzerate, urdu, hindi, concani e canará (ou canarés), observando a professora Maria Julieta que os três primeiros são considerados língua nacional: "Infelizmente, não temos o português, que, somente a nível secundário, a partir da oitava classe, é ministrado aos alunos que optarem por ele. A nível universitário e de colégio (*college*) existe a disciplina de português". E adianta: "É verdade que certos jovens de 15 a 20 anos ainda compreendem e falam o português com os seus pais, mas, para eles, o português não é o meio de expressão do seu sentir, assim como o foi e continua a ser com os seus pais, que lutam pela conservação da língua portuguesa em Goa. Repito, lutam, porque praticamente não temos nenhuma literatura, nem um instituto onde possamos prestigiar a cultura de raiz lusíada".

Manifestações populares e artísticas são realizadas, no entanto, e no bairro das Fontainhas, em Pangim, onde vive a professora goesa, tem havido até espetáculos teatrais (os últimos foram as peças "Mar", de Miguel Torga, e "Barco sem Pescador"), danças folclóricas etc., manifestações que são por vezes divulgadas pelo rádio. E mais não se faz por escassearem os livros. Entretanto, foi instituído um leitorado no centro de pós-graduação da Universidade de Bombaim (departamento de Goa), mas continua a ser reivindicada a criação de um instituto de língua portuguesa. Um repto aos portugueses e brasileiros.

O depoimento da professora Maria Julieta foi talvez o mais emocionante entre os apresentados no encontro cultural do Porto. Um depoimento que foi também um apelo: quando é que se garantirá aos jovens de Goa, Damão e Diu a "oportunidade de aprenderem e divulgarem a suave e linda língua de Camões"?

Ilustrado com um mapa de Goa e numerosas fotografias, o livro da professora e ensaísta Graciete Nogueira Batalha (autora de mais de 11 estudos sobre problemas idiomáticos, em particular acerca da chamada "língua de Macau") é oportuníssimo, pois oferece valioso subsídio àqueles que se preocupam

com os destinos de uma comunidade lingüística que já deve ter ultrapassado os 160 milhões de falantes, desde Portugal ao Brasil, passando por Cabo Verde e Guiné (Bissau), São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, além de Goa (Damão e Diu), Macau, Timor (quantos?) e mais de três milhões de emigrantes discursos pelos cinco continentes.

A Autora de *Lingua e Cultura Portuguesas em Goa — Estado Atual* leciona no Liceu Nacional Infante D. Henrique, em Macau, e já publicou uma dezena de estudos lingüísticos, a maioria dos quais sobre o dialeto macaense. O livro foi dividido em 15 capítulos, merecendo destaque os relacionados com “O falar português em Goa”, “Inquérito lingüístico”, “Diálogo-inquérito” e “Amostras da fala culta”. Um “Breve documentário fotográfico” reúne mais de 60 fotos da autora e de João Galvão (o arranjo gráfico é de Antônio Andrade), assim como outras reproduções úteis aos que desejarem saber o que é a área cultural goesa, em especial no domínio idiomático.

A tarefa da professora Graciete Batalha foi facilitada, durante a sua permanência em território goês, pelas pessoas “de vários estratos sociais e culturais” que constantemente a procuraram “para oferecer colaboração, trocar impressões, expor problemas relacionados com a nossa língua, mostrar livros e outras publicações em português, ou simplesmente para conversar nesta língua, que não querem esquecer”. Atualmente, o número de habitantes é de aproximadamente 800 mil, que se exprimem não somente em português, mas também em concani e marata (ambos com variedades regionais e culturais). De resto, não existe um “dialeto português de Goa, mas diferentes maneiras de falar o português, conforme o nível cultural das pessoas ou a sua convivência com portugueses ou com goeses de português culto”. E acrescenta a ensaísta macaense: “O português em Goa nunca chegou a crioulizar-se como aconteceu em Damão e nas chamadas terras do Norte, onde se fixou como dialeto, o dialeto ‘norteiro’. Em Goa, o contato permanente com portugueses europeus, que noutros territórios mais isolados não se terá dado, impediu essa crioulização. O nível do português das pessoas de meia idade ou mais, tanto quanto pude verificar em Pangim, é semelhante ao ‘falar’ atual de Macau, com maiores ou menores desvios do português normal, consoante (...) a cultura portuguesa, de quem fala”.

Outra informação curiosa da investigadora: se perguntarmos a um Albuquerque, a um Gomes ou a um Fernandes se é de ascendência portuguesa, ele dirá: “Não, não de ascen-

dência portuguesa não, eu sou goês mesmo.” Ao contrário, em Macau, filho da terra é o que tem alguma ascendência portuguesa, esclarecendo a professora Graciete Batalha: “Perante a profusão de nomes portugueses que vimos em Goa, perguntei a uma senhora goesa (pensando no descendente à maneira macaense) quantas famílias de descendentes portugueses haveria em Goa. E a resposta, para minha surpresa, foi ‘*Descendentes... talvez umas 20 famílias...*’ Depois compreendi, quando alguém me disse que os nomes portugueses eram geralmente dados no batismo pelos padres e pelos padrinhos”.

São idênticas as conclusões das professoras Maria Julieta e Graciete, assinalando esta última que o português é o idioma materno, a par do concani, além de ser herança cultural multissecular e “marca de uma identidade que não querem ver perdida”. O que justifica que, a par dos goeses católicos, batizados com nomes portugueses, certos goeses hindus falem e defendam a conservação da língua portuguesa em sua terra como fez o professor Naraina Sardesai (da Government Higher Secondary School), que assim se expressou num programa de emissora de Goa (*All India Radio*): “Se estamos interessados em preservar o português como língua escrita e falada, então não será suficiente o seu estudo apenas como segunda ou terceira língua dos currículos do ensino secundário. Terá de ser estudada como língua principal e ser o veículo de instrução pelo menos num estabelecimento de ensino que inclua instrução primária e secundária. Não deve haver dificuldade em atrair estudantes para tal instituição, se forem dadas as devidas equivalências aos respectivos cursos”. E terminou protestando contra o fato de que os diplomas da Universidade de Lisboa não são ainda reconhecidos pela administração goesa, nem pelo governo indiano, o que é “humilhante” e conduzirá “à morte lenta, mas segura, da língua portuguesa em apenas 18 anos de ‘libertação’, apesar do forte peso de uma tradição de 500 anos”.

Outros depoimentos interessantes são reproduzidos no livro, merecendo realce, porém, a persistência de nomes como “Mercado Afonso de Albuquerque” ou “Rua da Saudade”, “Caixa Econômica de Goa”, “Barbearia Ideal”, “Café Real”, “Alfaiataria Última Moda” etc., etc. De outro lado, a professora Graciete Batalha fundamentou as suas notas lingüísticas em cinco inquéritos, tendo gravado perguntas, respostas e conversas. Do ponto de vista fonético, concluiu que o “traço mais característico do falar goês, tanto popular como culto, e precisamente o que é impossível de exprimir com exatidão por escrito, é a

modulação das frases. muito cantante, especialmente na pronúncia das vogais". E dá um exemplo: "O que acontece é que eles bé sabiam que teriam muitas dificuldades". Ou "Teve relutância porquê hoje há subsídio, amanhã pode não haver", (as ilações ficam por conta dos especialistas).

Quanto à morfologia, a "redução do plural, pela supressão do s, ocorre por vezes na fala popular. Mas o mesmo inf. diz *15 minutos* e também *os filhos, 70 pessoas*". E, no plano da sintaxe: "Contrariamente ao usual nos crioulos; e no falar atual de Macau, a supressão dos artigos não é freqüente". Diz ainda a pesquisadora: "O léxico português dos goeses cultos é sensivelmente o mesmo do português normal, com alguns inglesismos, uma vez que a língua de cultura circundante é inglês, e alguns indianismos, mas estes menos freqüentes".

Conclui a professora Graciete Nogueira Batalha que os jovens de Goa, "mesmo os que ainda falam português, atravessam uma fase de grande instabilidade, com fugas freqüentes para o inglês ou para o concani. Das crianças, digamos até aos 10 ou 12 anos, já raras serão as que falam ou entendem sequer a língua dos pais. Pessoas de idade diziam-me que seus netos já não falavam nem compreendiam o português".

A língua portuguesa chegou à encruzilhada, em Goa, após cerca de 15 anos de alheamento por parte das autoridades indianas, em relação ao grupo ético que fala português. O que fazem agora? No artigo que publicamos no *O Estado de São Paulo*, em 28 de novembro de 1982, intitulado "Macau e Brasil, unidos no mesmo mistério do falar em português", sugerimos a intensificação do intercâmbio não somente entre Portugal e o Brasil, mas também como todos os países e núcleos de fala portuguesa, ressaltando a urgência do diálogo com Macau e Goa. É, no mínimo, o que esperam os goeses e macaenses, seja através de órgãos culturais particulares, seja de entidades oficiais. O que não se pode é esperar mais tempo, porque, como se deduz dos dois depoimentos que comentamos, a língua portuguesa está ameaçada de desaparecer, tanto em Macau como em Goa.

P.S. já depois de redigido este artigo recebemos a notícia de que o diário *O Heraldo* fechou, por falta de recursos financeiros